

CARTAS-ROMANCES.



SEGUNDA CARTA.

SETEMBRO DE 1859.

Meu paciente amigo, eis ali tens mais uma carta minha, é longa como um sermão e talvez assim fastidiosa; resigna-te entretanto, e escuta-me. Nem ha para ti um grande sacrificio; eu o sei: a paciencia é a face mais catholica de tua alma.

Dá como facto, que estamos, como outr'ora, juntos em bemaventurosa ociosidade, e que, como dous heroes de Fingal vestidos de neblina, contamos um ao outro, por entre a espessa fumaça de nossos cigarros, as scenas curiosas que—nebulosos sonhos— se desenrolam muitas vezes diante de nossos olhos.

Emquanto o futuro é uma esperanza unicamente, e o presente um obstaculo, o tempo vale de mais a contemplação de nossas idéas: uma a uma ellas vão passando pela orbita de nosso entendimento. Santa ociosidade! Tambem Deos descansou, tambem Elle, em mansa e risosna contemplação, vio passar, *no setimo dia*, o bem ordenado turbilhão de mundos que tinha creado. E para elle cada mundo era uma idéa, era um pœma!

Os nossos mundos são nossas idéas, são os factos que resaltam de todos os lados em torno de nós. Contemplemos: nós tambem somos deoses.

Lembras-te de Mazeppa?—sem padecer suas dores, gozava do magnifico espectáculo que deslumbrou-lhe os olhos amortecidos quando elle voava sobre o seu corsel da Ukrania: eu corria, e corria como um louco pela estrada de Santos (mas em um cavallo de aluguel e não da Ukrania). Embriagado pela voluptuosa vertigem da carreira e já sem forças para dirigir o animal, era levado, arrebatado por elle; e o céu, as nuvens, as arvores e a terra fugiam rapidas em torno de mim.

Tamanha rapidez condensou-me o sangue, suspendeu-me a respiração, e uma nuvem [de fogo escaudou-me a fronte açoutada pelo vento que me zunia nos ouvidos: tive medo!—parecia que a terra se escoava por baixo dos pés de meu cavallo e que eu estava prestes a cahir no immenso abysmo onde nadam os mundos, como balêas no oceano, e para vagar ali ás tontas, cometa desgarrado, até que algum

sol me enredasse em sua têa luminosa... era quasi um sonho o que eu sentia !

Já o cavallo tinha parado na estrada de cansado, e ainda eu me sentia correr como uma bala pelo ar : estava tonto como um viajante aerostatico. Aos poucos fui voltando a mim.

A noite começava a estender-se como um denso nevoeiro sobre as arvores. Mais de um quarto de legua já me separava da cidade, de onde havia partido por passeio e desenfado. Esperava, para voltar, que meu sangue arrefecesse e meu animal tomasse follego.

Nesse momento, em alguma distancia destacou-se das sombras do crepusculo a figura de um homem que vinha para o meu lado em direcção á cidade. Quando passou por junto de mim, serio e calado, como se fôra o carrancudo Eneas afastando-se de sua patria incendiada com seu velho pai aos hombros, reparei que o objecto volumoso que levava ás costas era uma harpa envolvida em um panno grosseiro. Vestia um casacão escuro com grandes botões de louça, e tinha na cabeça um bonnet de couro já bastante usado ; estava empoeirado desd'os grossos sapatões até a cabeça. Era certamente um desses filhos desgraçados das grandes cidades europeas que, aturdidos pelo movimento e sussurro da população apinhada, e açoutados pela miseria, em um momento de desespero, abandonam sua mãe, que não tem pão para lhes dar, atravessam o oceano, e vêm saciar-se de vida e de esperança sob o céo risonho da terra americana.

Elle passou por mim, talvez sem ver-me, caminhando a passos largos e pausados. O écho de seus passos sobre o solo era o unico som que saudava o solitario filho de além-mar. Naquelle hora silenciosa, recolhido em si mesmo, quem sabe se não calculava a distancia q' o separava da terra de seu berço ! A saudade era talvez o unico sentimento que povoava-lhe o coração entristecido e solitario de affeições amigas !

Desappareceu afinal. Algum tempo depois, tendo já descansado, voltei para o mesmo lado.

Já quasi na cidade, insensivelmente approximei-me de uma taverna do caminho, attrahido pela luz do candieiro que, pendente do tecto, era o sol daquelle mundo de garrafas. Lançando os olhos para dentro, vi lá o desconhecido estrangeiro. Apeei-me e entrei. Tendo ainda em lembrança a impressão e os pensamentos que me causára a sua vista, desejava examina-lo e conhecê-lo de mais perto.

O taverneiro, debruçado no balcão, com a boca meio aberta e os olhos arregalados, estava absorto na contemplação do viajante, que tranquillamente sacudia a poeira de seu fardo. Pedi licença para descansar (era um pretexto), e, sentando-me, tratei de achar um meio pelo qual travasse conversação com o estrangeiro.

Elle nem parecia ter percebido minha presença, continuava o seu trabalho com a gravidade methodica de um allemão, como real-

mente o era : um puro *Deutscher* tinha, como todos, a nacionalidade impressa no semblante.

Desejando ardentemente despertar-lhe a attenção, e vendo que era pouco mais ou pouco menos um musico, comecei com ar distrahido a cantarolar o magestoso adagio de uma das mais bellas symphonias de Beethoven. Foi uma lembrança feliz : tocado pelo calor do pensamento musico que eu lhe despertava n'alma, o allemão deixou-se ver tal como era : seu rosto desatou-se, ergueu a cabeça lançando para trás os longos anneis de seus cabellos, e, dardejando luz e intelligencia, seus olhos se ergueram para mim cheios de vida e de poesia.

Alguns minutos depois, como um écho harmonioso, seu instrumento já afinado repetia a mesma peça.

Aos primeiros preludios que o Allemão tirara do instrumento afinando-o, uma moça ainda na flôr da puberdade havia apparecido do interior da casa ; em pé, encostada á cadeira que o taverneiro tinha occupado, estava com os olhos fitos no instrumento. A ingenuidade infantil com que deixava ver o espanto de que achava-se possuida dava bem a conhecer que tudo aquillo era uma novidade para ella ; naquelle instante parecia existir só para a musica que ouvia ; estremecia á cada vibração mais forte das cordas do instrumento.

Eu mesmo comecei a sentir-me impressionado. Não sei porque aquella musica produzia sobre mim tamanho effeito : a pouco e pouco fui sentindo os membros enregelarem-se e contrahirem-se como electrizados pela vibração metalica do ar. A luz do candieiro parecia tomar corpo e fazer-se solida no espaço, pesando sobre mim como se fôra chumbo derretido ; como que sentia, no fundo d'agua e proximo a afogar-me, um rio caudaloso todo inteiro com estrepitoso alvoroço rolar sobre meu cerebro. Estava anniquilado ! Minhas fontes batiam como dous martellos ! As garrafas, como chocando-se umas nas outras, retiniam em meus ouvidos formando uma orchestra de arrepiar as carnes. Ardia em febre e delirava ! . . .

A moça, na mesma posição, occupava o centro daquelle quadro estranho. Avistando-a por entre o véo de luz e sombras que cercava meus olhos, concentrei o resto de actividade que ainda me restava para observa-la. Pareceu-me então um sonho delicioso tudo aquillo : a harmoniosa torrente de sons que me inundava os sentidos, para mim, já não provinha do instrumento ; como que se evaporava de sua figura de contornos sympathicos e harmonicos, e de seus grandes olhos negros á meio adormecidos sob uma nuvem magnetica.

Eu contemplei-a assim por largo tempo—pallida e tremendo no centro daquella atmospheria de luz e sons que, como um fluido metalico, me opprimia a respiração e se quebrava em minha fronte desfazendo-se em mil centelhas sonoras.

De subito a fantasia esvaeceu-se e tudo ficou silencioso : a musica tinha parado.

Meus olhos continuaram a fitar-se nella : estava em pé, com os braços e o corpo inclinados para o lado do Allemão, porém immovel. Dir-se-hia que a musica tinha-lhe quebrado as fibras da existencia, e a tinha feito um cadaver semelhante aos que se encontram ás vezes nos fundos subterraneos de Pompeia.

O velho taverneiro, percebendo então o seu estado, tremulo de susto, approximou-se della procurando reanima-la.

— Minha filha, o que é que tens? falla, o que te succedeu?

Uma rajada mais forte do vento, que zunia furioso por entre as aberturas do telhado e pela porta, apagou naquelle instante a luz.

Vendo-me no escuro, um terror panico subitamente apoderou-se de mim, e com tal intensidade que fui obrigado a sahir, montar a cavallo e continuar meu caminho sem quasi dar fé do que fazia e nem mais reparar nas pessoas que deixava. Estava nervoso e perturbado como um pobre sineiro que se vê, de noite, ás escuras no alto de uma torre.

No dia seguinte levantei-me cedo ; chegando á janella, por acaso vi passar o velho taverneiro. Elle conheceu-me e comprimou-me.

Convidei-o para entrar.

— Então, lhe disse, offerecendo-lhe uma cadeira, como passou a noite?

O velho, abatido e melancolico, suspirou profundamente.

— Minha filha, disse, está louca, inteiramente louca. E' Satanaz em pessoa aquelle feiticeiro que o senhor vio hontem. Foi por isso que fiquei todo arrepiado quando me entrou em casa, pedindo uma pouzada por aquella noite : é o diabo em carne e osso !

O velho abaixava gradualmente a voz como para não ser ouvido por mais ninguem na revelação do grande mysterio do outro mundo que me patenteava.

— Eu mesmo, meu senhor, quasi perdi a cabeça vendo a coitadinha naquelle estado. Venho hoje á cidade para levar um medico. Hei de gastar o pouco que tenho, se fôr preciso, para cura-la : é minha unica filha a pobrezinha, meu senhor !

Duas grossas lagrimas correram pelas barbas brancas do desgraçado pai. Elle proseguio logo depois, como fallando comsigo.

— E que noite ella passou ! A's vezes chorando, ás vezes cantando, e outras vezes pensativa e concentrada, como ficava o meu defunto padre-mestre quando estudava algum sermão !

Quasi rindo-me pela grotesca comparação do velho, procurei sinceramente consola-lo. Elle ouvia-me com reconhecimento, mas suas lagrimas continuavam a correr.

— E o que é feito, disse-lhe, do musico allemão ?

— Quem póde saber onde passa a noite um máo espirito?! Talvez nem Santo Antonio nos pudesse responder!

E o velho dizia-me isto com o enthusiasmo e a convicção de um apóstolo.

Logo depois retirou-se dizendo-me que tinha pressa, por querer, antes de procurar um medico, conversar a respeito com seu mano padre.

Despedi-me do velho promettendo-lhe que iria vê-lo á tarde.

Quasi ao anoitecer apeava-me na porta da taverna.

O pobre homem recebeo-me com agrado, mas triste e pesaroso. Conversamos algum tempo até que me conduzio para o interior da casa.

Em uma varandinha terrea de paredes denegridas estavam, alumiadas por uma unica luz, sua mulher e sua filha. Aquella sentada em um estrado, sustinha no collo a cabeça da mocinha, que com semblante alegre parecia dormir engolfada em um risonho sonho. Seu rosto assim meio risonho e meio adormecido era banhado pelas lagrimas de sua mãe, que a contemplava chorando.

—Veja em que estado ella se acha. Disse o velho sentando-se junto a mim.

—Hontem, quando a trouxemos para dentro, disse a mulher, esteve assim mais de uma hora; acordou-se de repente e começou a correr pela casa cantando como louca a musica que tinha ouvido. Passou toda a noite, ou soluçando como desesperada ou repetindo a mesma musica; sobre a madrugada ficou assim socegada até alto dia.

—Ella mostrava antes disto grande paixão pela musica? Perguntei, cada vez mais curioso e mais penalizado por aquelle facto. A mulher sorrio-se tristemente:

—Aqui nasceo e aqui viveo até agora; que musica pode ter ouvido?

Ficou pensativa por alguns instantes e depois prosseguiu:

—Ouvia os passarinhos no quintal, era a sua musica de todas as tardes e de todas as manhãs, e o seu unico prazer. Coitadinha de minha filha! hoje nem de seu companheirinho ainda lembrou-se.

Lancei os olhos para onde a mulher dirigia os seus e vi um sabiá em uma gaiola pendente da parede.

Soube então que sua filha tinha creado aquella avesinha no calor de seu seio com a innocencia de uma creança e o desvello de uma mãe.—Era o seu amiguinho de todas as horas e de todos os instantes; o seu enlevo e seu unico thezouro neste mundo.

—Quando vem o tempo em que elle canta, me dizia a pobre

mãe, até me dá ciúmes, porque então minha filha não se lembra mais nem de mim, nem de seu pai: fica suspensa e enlevada como se estivesse no céu ouvindo os anjos.

Quantas angustias não custava cada uma daquellas palavras á pobre mãe enternecida! Que dor tamanha para aquelle coração materno a recordar-se assim de todos os instantes, e de todos os prazeres da vida innocente de sua filha!

E ella estava ali, a innocentinha, quasi sem vida sobre os seus joelhos, mergulhada em estúpido torpor!

Em frente daquellas tres figuras igualmente sympathicas e igualmente infelizes eu sentia-me acanhado e pequenino: não tinha se quer uma palavra de consolação para curar tamanha dor.

Emquanto reflexionava assim comigo mesmo ouvi parar na porta um cavallo bufando de cansaço, e ao mesmo tempo estas palavras:

—O Espirito Santo esteja nesta casa!

—E' o mano Padre, disse o velho, e levantou-se.

—Elle vem benzer minha filha, disse a mulher sobresaltada, — Deus o traga em boa hora!

A mocinha estava ainda como a encontrara quando entrei: respirava, entreabria as vezes os olhos, mas parecia inteiramente alheia a tudo que se passava junto de si.

O Padre entrou. Vestia uma larga sobrecasaca, comprida até os tornozelos, e trazia na cabeça o classico e symbolico chapeo de tres pontas dos Levitas christãos.

—A sacra familia, os santos e os archanjos estejam em vossa companhia, minha irmã!

Disse, e de esguelha saudou-me com a ponta do nariz, tão leve foi o seu movimento de cabeça.

Sentou-se, fez algumas perguntas á respeito do occorrido, e finalmente, deitando solememente os oculos, começou a farejar com uma prespicacia toda religiosa os satanicos vestigios que prezumia encontrar na doente. Seu exame durou poucos momentos. Endireitou-se na cadeira e com ar taciturno e misterioso, como um frade que inicia sua velha comadre nas maximas da vida, assim fallou:

—Deus quer a seus filhos! mas, como Lucifer por desobediente foi lançado no lago de fogo, assim cahem nas cadêas da desgraça os que não ouvem as palavras de seus representantes sobre a terra! (*Enfurecendo-se.*) — E vós, meu irmão, estaes soffrendo porque não quizestes aceitar meus conselhos. Não vos disse muitas vezes que metesses vossa filha em um recolhimento?—que só ahi podia ella viver sem manchar-se nas impurezas da terra? A negligencia vem de vossa parte e não da minha: eu vos gritava sempre aos ouvidos: —o mundo, o diabo e a carne, meu irmão, são os nossos inimigos! —Não me ouvistes e Satanaz levou-a!

O homem ficou esfalfado pela tirada eloquente que proferira; limpou o suor do rochoncudo carão, levantou-se e começou a passear pela casa.

O taverneiro e a sua mulher estavam succumbidos de terror: estavam pallidos como sua filha. As palavras do Padre soavam em seus ouvidos como uma trovada do inferno.

Eu estava por de mais satisfeito de sua biblica eloquencia. Retirei-me, enquanto elle, resmungando como uma cozinheira de máo genio, dissolvia sal em agua para benzer, e com tal preparação purificar a casa e arrancar sua sobrinha das garras do diabo.

Como havia tomado grande interesse por aquella familia, seguindo o dramasiño de seu começo, continuei a visital-a. Os dous velhos tinham por mim verdadeira e intima amizade: a desgraça—o mais forte cimento para os corações—me unia a elles de tal sorte que estava constituido quasium membro da familia. Minha presença era a unica segura onde derramavam os bons velhos o fel de sua existencia, porque somente á mim deviam elles as doces lagrimas da esperanza. Minhas palavras, sem que elles mesmos o sentissem, eram um balsamo mais suave e mais doce do que a agua-benta e os sentenciosos palavrões, respidos e sem sentimento, de seu *veneravel irmão*.

Probres velhos! em oito dias tinham envelhecido dez annos! Como que o pallido reflexo da figura macilenta de sua filha se derramava em suas feições e em seus cabellos.

Sua filha, o seu anjo da morte, sorrindo-se no delirio da agonia, os conduzia pela mão á sepultura. A infeliz, sem quasi alimentar-se e sem dormir, definhava todos os dias: o suave torneado de seu rosto e de seus braços tinha desaparecido, e via-se somente a angulosa conformação dos ossos cobertos por uma pelle amarellada e reluzente.

Um dia muito cedo fui ver os meus bons velhos, conforme o meu costume, e achei-os já acordados.

—Não dormimos nada, me disse o taverneiro, passamos toda a noite aqui sentados.

Seus olhos vermelhos e encovados, a debilidade de sua voz e a pallidez assustadora de sua mulher confirmavam suas palavras.

Sua filha estava em pé, em frente da porta do quintal; os cabellos soltos esvoaçavam-lhe em torno do collo emmagrecido, movidos pela viração fresca da manhã; e seu vestido, fluctuando ao sopro do vento em roda de seu corpo e deixando adivinhar-lhe as fórmias, cahia em frouxas dobras sobre seus pesinhos nús, deixando-os a meio descobertos. Estava immovel, e sua phisionomia nem um só pensamento revelava.

Todos tres a contemplavamos calados.

Foi pouco a pouco levantando os braços e inclinando levemente o corpo para o lado do sol, que começava a doirar-lhe a pallidez do rosto, e principiou a cantar a sua musica de sempre.

Fiquei tranzido de dor, ouvindo-a, animada somente pelo fogo da demencia, repetir com voz pesada e triste, sempre no mesmo tom e no mesmo estylo, o sombrio e magestoso adagio de Beethoven.

Subitamente interrompeo-se no meio de um compasso... o sabiá estava cantando!

Ou porque se approximava a estação propria ou excitado pela voz que ouvia, elle começava agora a cantar pela primeira vez desde que a moça enlouquecera.

Ella approximou-se. e attentamente escutou por algum tempo a suave e queixosa melodia que se derramava em sua alma como um balsamo vivificador.

Quando voltou-se para nós a expressão glacial de seu semblante tinha desaparecido como por encanto: a sua figura estava illuminada pela luz da intelligencia. Seus olhos arrazavam-se de lagrimas, e um longe de rubor aquecia-lhe a fronte.

Parou em frente de nós sobresaltada, e atirou-se nos braços de sua mãe.

—O que eu tinha, minha mãe?— onde eu estava?

O sabiá inda cantava docemente, saudando o sol que ao longe apparecia por sobre os arvoredos.

Os velhos tinham recuperado a vida!

A pobre mãe, chorando de alegria, não se fartava de beijar as mãosinhas de sua filha que com as faces humidas de lagrimas, a contemplava sorrindo-se.

O velho sentado do outro lado, ebrio de contentamento, beijava-lhe os cabellos em silencio.

A. B. Campos.

MICHELET — L'AMOUR.

Meu caro Santiago.

Acabo de lêr a ultima pagina do livro de que me fallaste.

Queres que te dê a minha humilde opinião sobre elle?

Nunca livro algum me impressionou mais vivamente. Muitas vezes, no fim de um capitulo, de um paragrapho mesmo, parei para meditar; e agora, entre a ultima palavra d'essa obra e a concepção